



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/amazonia-futuro-ancestral>

## De quem são as terras fertilizadas na Amazônia antiga e nosso amado futuro ancestral?

Maria da Glória Feitosa Freitas/Yeye Oribato Obàtálá Ilé Ifè[1]

*Traçando um caminho percorrido desde o relato de Caminha, passando pelo “Genocídio e resgate dos Botocudo” e chegando na visão de “Futuro ancestral” de Krenak, este texto traz um painel realista da relação da terra brasileira pelos povos originários.*

Agora que o #ClimateClock, o Relógio do Clima, decretou que temos em torno de seis anos para zerar as emissões de carbono e produzidas pela excessiva queima de carvão, gás e petróleo e pelo desmatamento de florestas como a Amazônia, seria uma boa hora para pensar no passado e projetar um mínimo futuro?

Grande parte da população brasileira, desde os tempos coloniais, vive na Costa Brasileira. Neste cenário aconteceu um dos primeiros encontros entre povos indígenas e os primeiros colonizadores, descrito por Pero Vaz de Caminha: “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram” (Caminha, 1500).

O que desconhecia Caminha e toda a tripulação é que parte destes povos indígenas vieram viver no atual sudeste brasileiro, nesta mesma Costa Atlântica em que se deu este primeiro encontro. O que as pesquisas apontam é que viveram na Amazônia e depois desceram para a região mais ao centro-sul do país, assim no começo do século XVI já viviam lá nesta área, e viram os primeiros portugueses na chegada.

A obra de Manoela Carneiro da Cunha, *Índios no Brasil – histórias, direitos e cidadanias*, publicada em 1992, é um caminho seguro para fortalecer certezas sobre verdades históricas sobre os povos indígenas. Ainda que o movimento indígena reivindique a troca da palavra índios por povos indígenas, é necessário dizer que a obra foi escrita bem antes das atuais reivindicações justas sobre a pluralidade que não cabe na palavra singular “índio” (Cunha, 2012).



A autora comenta que até 1537 inexistia um estatuto da humanidade do “índio” como humano, então coube ao Papa, só em 1537, consolidar e afirmar que os indígenas eram homens, parte da humanidade. A ideia se manteve nas teses do racismo científico a tal ponto eficiente aos criadores que no século XIX, Blumenbloch estudou um indígena conhecido como Botucudo (nome pejorativo e dado ao povo indígena Krenak, povo de Minas Gerais e ao qual pertence o escritor Ailton Krenak) e o classificou entre o orangotango e homem (Cunha, 2012).

Por trezentos anos, na região leste de Minas Gerais deveria ser preservada. Colonizadores impediram a passagem direta das minas até o litoral, evitando contrabando de ouro e diamantes. Foi criado o “sertão do leste”. No final do século XVIII, ocorreu o esgotamento das minas, chegou a hora de derrubada e exploração da Mata Atlântica e de “exterminar os chamados índios ‘botucudos’, que enfrentavam os colonizadores. Houve, portanto, o genocídio dos índios. Atualmente, as comunidades indígenas estão renascendo e se fortalecendo, exigindo respeito pela sua identidade étnica e o atendimento de suas necessidades” (Coelho, 2009).

Krenak narra sobre o lugar em que ele nasceu: “Naquele lugar houve um massacre causado pelos colonos. Incendiaram a aldeia, fuzilaram crianças e mulheres e mataram muitos a facção. Isso ocorreu no final dos anos 1940 e 1950 e não havia ali nenhuma família instalada pacificamente” (Coelho, 2009, p. 193). Inúmeros povos indígenas e indistintas perseguições!

Falavam, os teóricos das colonizações até em uma *Bestialidade da fereza*. O século XVI está muito longe da Era da Glaciação, entre 35 e 12 mil anos atrás e que teria permitido a uma parcela da única raça existente e humana, surgida na África e caminhasse até o continente americano, da Ásia até a nossa América, em até 12 mil atrás. A mesma raça humana que vivia, uma parcela dela, lá na Europa (Cunha, 2012).

Então Cunha toca nessa ideia ainda presente nas cabeças de muitos não-indígenas. Eu ouvi estudantes de graduação na região Tocantina (parte da Amazônia Legal na divisa de Pará, Maranhão e Tocantins) expressarem alguns pânico e outros medo dos povos indígenas Krikati e Guajajara que vivem na região do sul do Maranhão, como uma justificativa para não visitar uma aldeia, em um dia festivo com corrida de toras e outros eventos festivos, ainda que constasse no projeto político pedagógico do curso, em um dos objetivos a busca de obter essas inserções em comunidades tradicionais.



Manoela, neste livro, toca no que pareceu historicamente ser uma verdade aos “brancos”, desde a colonização, um assustador *primitivismo* do indígena brasileiro e que ela qualificou como um *triunfo* do evolucionismo, com uma defesa irreal de que todo “índio” seria uma estaca zero da evolução humana.

Sendo assim foi sendo erguida uma narrativa racista que as sociedades sem estados, os povos indígenas que viviam em auto-gestão, decidindo conjuntamente suas ações, a tal ponto que ninguém é cacique de nascença como me explicava uma amigo cacique e amizade que fiz em 2011, entre o povo Krikati, aprendi que é um cargo de confiança da comunidade e hoje, em 2023, ele segue como liderança, é professor, e ex-cacique.

A leitura da obra de Manoela nos mostra que essa ideia de primitivos e selvagens de dentro das cabeças dos brancos transformou sociedades livres da ideia e da vigilância de Estado em sociedades primitivas. Acontece que se estabeleceu uma crença alimentada pelo desejo de supremacia de uma parcela da raça humana vivendo no ocidente, e com ideias racistas e colonialistas de que o “índio” só teria a figura humana, sem ser capaz de perfectibilidade (Cunha, 2012). Veja que absurdo para quem leu autores indígenas ou conviveu com eles.

Sociedades autogestionárias viraram *selvagens* e que não teriam direitos às titularidades da terra. A colonização instituiu mentiras sobre suas capacidades já consolidadas como produtores de biodiversidade na Amazônia Pré-colombiana. José de Bonifácio, conhecido como patriarca da independência do Brasil, logo após este fato histórico, lutando pela Constituição Imperial, em 1823, lançou uma proposta justa (diante da tomada violenta das terras dos povos indígenas pelos colonizadores) que as compras das terras indígenas fossem substituídas pela usurpação, utilizando meios brandos e persuasivos.

Com fortes oposições, José de Bonifácio e Pedro I foram derrotados pelas oligarquias. Em 1827, o presidente da Província de Minas Gerais defendia que os que ele denominava como *cruéis botocudos* eram devoradores e bebiam o sangue humano e que só podiam resultar em prole semelhante em uma suposta crueldade (Cunha, 2012).

Seguiu pelo século XIX, tempo em que o Brasil foi Colônia, Império e República, com raras mudanças nos poderes e nos privilégios, com expansões colonialistas pelo Sudeste e Amazônia em



expansão. Algo mudou na lógica não-indígena, e assim os indígenas começaram a interessar menos como mão de obra a ser escravizada (presença africana aqui já solucionava a ganância colonial capitalista) e mais por questões de terra, com o interesse em se apropriar das terras indígenas. Inexistia representações indígenas, hostilidades eram imensas e só eram escutados os povos indígenas, diante de manifestações e rebeliões e com raras petições ao imperador ou processos judiciais. A motivação dos “brancos” era exterminar os “índios bravos” e que “atrapalhavam” as ações dos colonos e que deviam ser usados como mão de obra (Cunha, 2012).

Seguem até hoje muitos enfrentamentos e resistências dos não-indígenas. Expulsão das terras até hoje, e uma ação no Supremo para decidir se a questão de terras indígenas deverá ter ou não a Constituição de 1988 como um marco temporal. Já as teorias de inspiração no evolucionismo foram edificando mentiras que parecem verdades como as de Buffons, citada por Cunha (2012) em que a natureza nas Américas expirava sem conseguir chegar ao pleno acabamento. Entre outros pensadores que divulgavam suas teorias de um paraíso tropical em degeneração aconteceria antes da maturidade, um lugar destinado à extinção (Cunha, 2012)

Outras horas, o que reinava era um romantismo acompanhado de “índios” submissos e irreais tanto quanto o cientificismo racista de algumas teorias. O real eram grandes populações na Amazônia produzindo biodiversidade agrícola. Sobre um inexistente *Encontro entre “índio” e colonizador* a verdade é que a *Invasão* permitiu o desaparecimento de grande parte dos mais de mil povos que viviam no Brasil, entre a população de aproximadamente um milhão para alguns ou quase sete milhões de diferentes povos indígenas para outros. Só na Amazônia, grande parte dizimada por epidemias de sarampo e varíola (Cunha, 2012).

O que explicam a existência de povos que insistem em viver isolados na Amazônia e sem fazer contato com os “brancos”? Ailton Krenak confirma que as doenças vieram com os “brancos” também em Minas Gerais, narra que seu povo Krenak e chamados de *botocudos* não seriam ribeirinhos, eram do sertão. “Gostavam de ficar na beira dos rios porque os rios eram uma fonte de alimentação, além de uma orientação de rota. Na sua natural sabedoria, buscavam lugares saudáveis e com água limpa. Só quando a mata começou a ser infestada de brancos apareceram a malária e outras doenças” (Coelho, 2009, p. 195).



A extensa população da Amazônia teve uma pequena parcela deslocada para o centro-sul, eles eram do tronco proto-tupi, encontraram os colonizadores na Costa Brasileira. Eles foram acusados de devorar brancos por prática de canibalismo. Vindos de terras cultivadas e de arranjos para a pesca, com técnicas apropriadas para produzir alimentos e peixes em abundância, para uma população grande à época em comparação até com certas partes da Europa, essa mentira de confundir canibalismo, já que os povos falantes tupis não eram e são canibais. Isso é repetido até hoje (Cunha, 2012)

Eram antropófagos alguns destes povos e comiam não por fome e sim para vingar os inimigos. Assim, é inconcebível que essa mentira perdure até hoje, como é lamentável que tenham sido feitos registros de colonizadores europeus e que o discurso seja a mentira que os indígenas fossem selvagens cruéis, acostumados a comer carne humana. Não era fome, e as descrições eram repletas de hostilidades e ódios. A realidade vista pelos colonizadores que encontraram os primeiros indígenas era de abertura ao estrangeiro e ofereciam comida vasta como peixe, mariscos, frutas, caças, caranguejos, ervas e os moradores da terra não estavam com fome (Cunha, 2012).

Ailton Krenak contesta que seu povo seria antropófago. “Esse negócio de a literatura dizer que os ‘Botocudo’ eram antropófagos é um ato falho, é um truque da má consciência neobrasileira formadora do Brasil. Eles tinham de dizer que minha gente era antropófaga para nos aniquilarem” (Coelho, 2009, p. 198). Sempre as mentiras demolindo os direitos da terra!

E voltando os olhos à Amazônia, a procura de alguma prova desta presença amazônica, anterior aos portugueses, que alguns desavisados podem perguntar como se pode comprovar, as respostas vieram dos exames dos vestígios da produção de cerâmica Marajoara destes deslocados da Amazônia.

Assim os ameríndios pré-colombianos, os ancestrais dos povos indígenas, seus descendentes são indígenas e brasileiros, não são idênticos, não falam todos as mesmas línguas, não compartilham as mesmas tradições, possuem cosmologias e mitologias distintas e fáceis de serem apontadas, e por extensão os antepassados da atual população que vive nas cidades e aldeias da Amazônia e de outras partes do Brasil como o Nordeste e o Sudeste também.



Assim, o Brasil todo é terra indígena, originariamente. Além de outras implicações do clima e que vinculam a maior cidade do país e a vasta região amazônica. Uma situação que chamou a atenção da população paulistana, foi a chegada de uma fuligem, a fumaça das queimadas da Amazônia, junto com uma frente fria, em agosto de 2019, escurecendo como se fosse noite, por volta das 15 horas, aproximando a capital paulista dos danos com as queimadas na Amazônia.

Quando a Amazônia ardia em chamas, causadas por fogo intencional, o que se viu foi uma estranha chuva de cinzas. Isso deve chegar como conhecimento e como reflexão às novas gerações paulistanas. Escrevo isso e o Relógio do Clima não isenta os que queimam a nossa gigantesca floresta tropical do mundo! “A fumaça não veio de queimadas do estado de São Paulo, mas de queimadas muito densas e amplas que estão acontecendo há vários dias em Rondônia e na Bolívia. A frente fria mudou a direção dos ventos e transportou essa fumaça para São Paulo”[2], disse, em entrevista, Josélia Pegorim, uma meteorologista do *Climatempo*.

O fato é que na zona de convergência do Atlântico Sul, existem rios voadores e que trazem as bem vindas águas para a casa do paulistano, lá da Amazônia. Uma combinação entre ciências e oralidades amazônicas não só fala sobre algo distante e exótico aos que vivem nas grandes cidades, falta de água para beber e para lavar a roupa nestas grandes cidades.

“Austrália, Brasil e África do Sul, todos os principais produtores e exportadores de grãos, estão entre os países em risco de seca, assim como uma outras nações da África Central e Ocidental, Sudeste Asiático e Caribe”, declarou *News UN*, em abril de 2023. Alertando ainda que a “escassez de chuvas também pode impactar exportadores como Argentina, Turquia e Estados Unidos da América, bem como países da Ásia Central”. As notícias da ONU comentam que o El Niño costuma aumentar “a temperatura média global e tem sido associado ao recorde estabelecido em 2016, quando ocorreram vários desastres geradores de carbono, incluindo incêndios florestais e de turfeiras na Indonésia e bilhões de árvores dizimadas pela seca na Amazônia” (ONU, 2023). Aqui outra referência a legado ancestral como arma para o nosso futuro!

Ailton Krenak defendeu na sua obra *Futuro Ancestral* que nós, os e as, humanos e humanas, não devemos nos render com aquilo que nos assombra, na contemporaneidade, a narrativa do fim do mundo e que age para abolir os sonhos. Krenak lembra que é no interior dos nossos sonhos que



residem as memórias dos nossos ancestrais e da Terra. Ele reflete que estaríamos aceitando uma *humilhante condição de consumir a Terra*.

O autor indígena defendeu ainda que os orixás e os ancestrais indígenas e de outras tradições “instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência”. O capitalismo quer um mundo triste e monótono em que operamos como robôs, e não podemos aceitar isso” (Krenak, 2022, p. 21).

Esse livro do Krenak, publicado neste pós-pandemia e que reúne apresentações públicas dele nos anos pandêmicos de 2020 e 2021 (pandemia da Covid 19) veio com este título e indagado sobre o conceito por trás do título, ele disse: “Quando dizemos que o futuro é ancestral, tem mais a ver com DNA do que com genealogia. Essa é a visão de mundo: é a capacidade de voltar a um evento que criou o mundo e que está vivo em você. Queremos uma criação constante de tudo e de nós mesmos” (Krenak, 2022, p. 21).

Krenak ainda afirmou: “É isso que acontece no DNA, esse código repassado por nossos ancestrais. Isso pode nos reintroduzir na constelação da vida dentro do planeta, onde deixamos de ser especialistas e percebemos que temos uma origem comum” (Krenak, 2022, p. 21). Assim, o conceito, Krenak convoca à resistência e “nos convida a resistir às narrativas sobre o fim do mundo, imaginando um futuro ancestral, moldado pelas memórias que podem ser encontradas no núcleo da Terra e que são carregadas por nossos ancestrais”[3].

Precisamos chegar ao século XXI e ter um pensador indígena para escrever livros sobre ancestrais que deixaram relevantes legados. O que fala Krenak, entre outros pensadores indígenas, vai demolindo as teorias racistas que provocaram muita aceitação entre os brancos. Será importante, com profundas reflexões, levar e buscar saberes sobre a famosa e inadequada classificação racial feita pelo cientista famoso Lineu, no século XVIII.

Lineu era botânico, zoólogo e médico, criou a nomenclatura binomial e uma classificação científica, virou o pai da taxonomia moderna. Fez uma classificação sustentada em escala de valores e insinuando uma hierarquização equivocada discriminando, ao mesmo tempo, raças e continentes como o americano (era assim no singular que classificava os diversos povos do Continente Americano) e o africano (muitos povos e um só nome para os representar (Munanga, 2004).



Para Lineu, o indígena do continente americano, nossos povos indígenas pré-colombianos e habitantes das terras antes de qualquer ideia de América, estes povos diversificados foram denominados por Lineu como americano. O americano, segundo Lineu, era moreno, cabeçudo, colérico, contumaz amante da liberdade, autogovernado pelo hábito, ainda pintava o corpo. Não somente os nossos povos indígenas latino-americanos sofreram com essa classificação racista e preconceituosa e que costumavam e seguem pintando o corpo como marcas significativas das diversidades culturais de cada povo (Munanga, 2004).

### **Bibliografia**

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: MINISTÉRIO DA CULTURA/Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em 20 jul. 2023

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Índios no Brasil – Histórias, direitos e cidadanias**. São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012.

COELHO, Marco Antônio Tavares. **Genocídio e resgate dos "Botocudo"**. Entrevista com Ailton Krenak. *Avançados*, v. 23, n. 65, p. 193–204, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Jfgzby48wplVmL7RXDtF6Tb/?lang=pt#>. Acesso em 23 jul. 2023.

ONU NEWS. Com ameaça de El Niño, ONU prepara ações para mitigar risco de seca e cheias. **ONU NEWS** – Perspectiva Global Reportagem Humanas, Abril de 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/04/1813412>. Acesso em 22 jul. 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001413002>, Acesso em: 22 jul. 2023.

---

[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro da Casa dos Atoris de Obátalá e Yemòó. Email: [gloriafreitas@alumni.usp.br](mailto:gloriafreitas@alumni.usp.br)

[2] G1 SP. Dia Vita 'noite' em SP com frente fria e fumaça vinda de queimadas na região da Amazônia. São Paulo: Portal do G1/SP, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2019/08/19/dia-vira-noite-em-sao-paulo-com-chegada-de-frente-fria-nesta-segunda.ghtml>. Acesso em 22 jul. 2023.

[3] Citado em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Futuro\\_Ancestral#cite\\_note-4](https://pt.wikipedia.org/wiki/Futuro_Ancestral#cite_note-4)